

## Texto base para inscrição de chapa

### I - A Pós-Graduação (PG) e o desenvolvimento nacional

O século XXI trouxe bons ventos para o Brasil e seu povo. Parece que o futuro chegou e o Brasil, Gigante adormecido, despertou. Os Governos democrático-populares colocaram o Brasil de novo no rumo do desenvolvimento. E dessa vez com distribuição de renda, com altos índices de empregabilidade, com aumento real no Salário mínimo por anos seguidos e com forte investimento em educação. A forte agenda anti-neoliberal implementada pelos Governos Lula/Dilma garantiu ao Brasil sua reinserção soberana e não-imperialista na política internacional, uma nova e diversificada agenda de comércio exterior e um *case* internacional de combate à fome e à pobreza.

No campo da Educação Superior, o Governo Federal investiu muito na ampliação de vagas na Rede Pública de Ensino e na criação de novas Universidades ou Campi de Universidades Federais. Além disso, através de instrumentos de renúncia fiscal, ampliou a oferta de vagas para estudantes de baixa renda, com a criação do Prouni.

"Na última década, de 2001 a 2010, o crescimento do acesso ao ensino superior no Brasil foi de 110,1%. Os dados são do Censo da Educação Superior 2010, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep), que mostram também que, de 2009 a 2010, o número de brasileiros que buscam fazer um curso de graduação aumentou 7,1%. Nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste cresceu a participação percentual no número de matrículas de 2001 para 2010, em contrapartida ao decréscimo da participação das regiões Sudeste e Sul."

<http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0..OI5458942-EI8266.00-Ensino+superior+cresce+em+anos+no+Brasil.html>

Isso significa que a base de possíveis e futuros pós-graduandos também se ampliou. E também significa que os setores sociais beneficiados com o acesso ao ensino superior agora também podem ter acesso (ou deveriam ter!) à PG. É preciso debater, publicamente, a questão do acesso à PG da USP, inclusive discutindo a adoção de programas de inclusão de setores sociais historicamente não inseridos na PG.

Não podemos deixar de debater o papel da área de Ciência e Tecnologia em uma agenda desenvolvimentista. Para garantir o desenvolvimento sustentável (e não o simples crescimento econômico) é preciso que as forças produtivas ponham em marcha seus potenciais inventivos e criativos. A área de C&T precisa ser estimulada a responder ao processo de desenvolvimento nacional em curso e a Universidade pública deve ser o principal instrumento público de fomento à descoberta de novas fronteiras, paradigmas e tecnologias em todas as áreas do saber. A Universidade deve estar a serviço do Brasil. A serviço de seu povo e de seu projeto nacional de desenvolvimento.

## II - Produção não é produtivismo

A melhor forma de colocar a Universidade a serviço do país é abrir seus muros e possibilitar a troca e o diálogo com o setor produtivo e com o povo. Longe de defender a apropriação privada de recursos (humanos e patrimoniais) públicos, estamos advogando a saudável interação entre a sociedade brasileira e a Universidade. Devem ser garantidos os espaços para todos os projetos de pesquisa que busquem trazer novas soluções, novos olhares, novas críticas, novos métodos, novos conhecimentos para a Nação Brasileira.

Para tanto, é preciso investir mais e mais na Educação Superior e, especialmente, em Ciência e Tecnologia. O orçamento aplicado em pesquisa não pode ser considerado gasto, mas sim investimento. E as verbas destinadas para o financiamento de pesquisas, nas suas diversas modalidades, devem ser postas a salvo das contenções orçamentárias.

O Brasil precisa atingir o patamar de investimento de 10% do PIB na Educação, bandeira que vem unificando as diversas organizações do Movimento Educacional. Além disso, o resultado da extração do Pré-Sal deve compor o Fundo Social, que deve ser aplicado, fundamentalmente, em Educação, Ciência e Tecnologia, Cultura e Preservação do Meio Ambiente.

E precisamos desfazer a confusão entre produção e produtivismo. Queremos que nossos cientistas produzam com qualidade e não apenas com quantidade. Para lastrear o Projeto Nacional de Desenvolvimento, os cientistas brasileiros precisam produzir com incentivo, financiamento e, principalmente, com tempo para reflexão e pesquisa. Os altos índices de produtivismo exigidos atualmente pelas Agências Financiadoras forçam

os pesquisadores e estudantes de PG a escreverem sem parar. Como fruto dessa política, o Brasil cresceu no Ranking Internacional de produção de *Papers*, mas ainda registra péssimos índices de patentes e produções paradigmáticas, ou seja, que provocam mudanças profundas na vida das pessoas e nações.

### III - E na USP????

A Universidade de São Paulo ocupa lugar de destaque no cenário da PG brasileira. Pouco mais de 25% das pesquisas desenvolvidas no país tem a participação da USP e mais de 15% dos Estudantes de PG estão matriculados em seus programas. E devemos colocar todo esse potencial a serviço do Projeto Nacional de Desenvolvimento.

Para tanto, é preciso introduzir esse debate na nossa comunidade. É preciso que os programas façam mais debates por dentro dos canais institucionais.

Isso só será possível com uma ampla reforma do arcabouço institucional da Universidade e do seu espaço público de debates. Uma reforma democratizante, que crie canais de participação para os seus mais de 70.000 membros e não para poucos representantes, em um sistema federativo ultrapassado e que não responde mais ao crescimento da Universidade e às novas concepções de democracia que se instalaram no país após a Constituição de 1988.

É verdade, como ressaltarão alguns, que muitos membros de nossa comunidade não querem debater o cotidiano da administração e do uso do poder na universidade. Querem apenas oferecer suas aulas, efetuar suas experiências, desenvolver suas pesquisas, efetuarem seus serviços e pronto. Esse argumento, no entanto, não pode servir como mordaza àqueles que, independentemente de serem maioria ou minoria, querem uma universidade cada vez melhor.

A USP precisa de uma nova estatuinte com urgência. Uma estatuinte que reestabeleça a capacidade de diálogo institucional perdida há muito tempo.

Além disso, é preciso rever o Regimento Disciplinar e os ritos processuais. É inaceitável que as entidades representativas (de todos os setores!) não façam parte das comissões sindicantes e não tenham instrumentos para coibir os abusos que estão sendo praticados atualmente. Os processos administrativos devem ser abertos, públicos e rigorosos na apuração, não podendo servir como ameaça a posições políticas

minoritárias. E os procedimentos que não contemplem a participação das entidades representativas devem ser arquivados por falta de ampla e legítima defesa.

#### IV - Tá...mas e eu com isso?

Você, Pós-Graduando que teve a paciência de ler até aqui tem a responsabilidade de discutir e de doar uma parte do seu tempo e de seus neurônios para fazer isso e outras coisas virarem realidade.

**É hora de reativar nossa Associação de Pós-Graduandos (APG).** Nós queremos construir uma entidade que tire a USP do gueto e do debate exclusivamente interno e que contextualize mais a Universidade... Uma entidade que rompa com a lógica ineficiente do modelo hegemônico de fazer movimento estudantil na USP.

Não somos contra a pauta da disputa do poder na USP, mas questionamos a sua centralidade na vida dos mais de 25.000 pós-graduandos desta Universidade.

Acreditamos em um movimento que crie novas formas de participação e novas formas de aferição e consulta de opiniões. Um movimento que consiga dar respostas agudas a situações agudas e respostas crônicas a situações crônicas. Um movimento que não viva numa ditadura inexistente e alarmista. Um movimento que não seja submisso, mas que não seja refratário à institucionalidade e às formas burocráticas e hierárquicas. Enfim, queremos um movimento que construa uma entidade que tenha condições políticas e morais de encaminhar reivindicações legítimas de todos os tipos para dentro da pauta oficial da Universidade.

Queremos uma APG que participe das lutas em curso da USP (democracia, rediscussão do regime disciplinar e andamento dos processos, plano de segurança, mudanças regimentais) mas que também estabeleça elo com o Movimento Nacional de Pós-Graduandos, através da ANPG, e que participe mais ativamente da Campanha Nacional pelo Reajuste de Bolsas, por exemplo.

E queremos uma APG que também construa espaços e atividades que possibilitem aos estudantes de PG usufruir da maior Universidade do país da maneira mais completa possível, estabelecendo Espaços de sociabilização e troca de ideias, conceitos e temas de estudo, valorizando a multi-trans-inter-disciplinariedade; Melhor divulgação dos eventos na USP; Calendário de atividades com grandes nomes da Ciência; Prestação de Serviços aos Associados da APG, como convênios e outros.

A APG também precisa absorver demandas do cotidiano, que influenciam diretamente na vida das pessoas. É preciso rediscutir os limites de impressões; o estendimento do direito ao meio passe junto à SPTrans, para todas as atividades de pesquisa, inclusive atividades laboratoriais.

Além disso, a APG deve ser o centro da vida política da Pós-Graduação, congregando e estimulando a Representação Discente nos Programas, Unidades e Conselhos Centrais; divulgando organizadamente as informações de interesse dos estudantes e as atividades dos RD's; e fortalecendo as múltiplas formas de consulta aos estudantes de PG, diminuindo o espaço de atitudes individualistas e descompromissadas na Representação Discente e na direção da própria APG.

Por fim, e não menos importante, é preciso que a nossa APG reabra a discussão, com os estudantes, sobre o Regimento de Pós-Graduação que vai a voto no Conselho Universitário no próximo semestre. É preciso instalar um debate lúcido sobre as mudanças em curso e preparar a adequada informação ao futuros ingressantes e à comunidade em geral, que poderá optar pelo mesmo.